

JOSÉ PROENZA BROCHADO
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

As pesquisas arqueológicas realizadas no leste do Brasil nas décadas de 60 e 70 resultaram na descoberta de um grande número de complexos cerâmicos que foram descritos como “fases” e reunidos em “tradições”, mas cujo significado e interrelacionamento continuam obscuros. Nem mesmo Willey em sua maciça síntese da pré-história da América do Sul (1971), conseguiu forçar certa coerência nestas manifestações. No entanto, aplicando métodos reducionistas operacionalmente sadios ao conjunto dos dados, foi possível obter um quadro relativamente simples que exponho nesta tese.

Ao redor de 3.000 a.C., dois estilos de cerâmica simples, ambos derivados da Amazônia Central apareceram, um na desembocadura do sistema fluvial amazônico e o outro no estuário do Prata. Estas duas cerâmicas simples iniciaram tradições que se difundiram lentamente, uma na direção da outra, sob a forma de intrusões de unidades de traços, em áreas ocupadas por complexos pré-cerâmicos estabelecidos de longa data. As formas típicas das vasilhas da tradição do norte, assim como suas dimensões, foram mudando através do espaço e do tempo, como resultado da sua adaptação aos diferentes regimes alimentares. Estas duas tradições cerâmicas vieram finalmente a cobrir a maior parte do leste da América do Sul situada entre os seus dois focos.

Na primeira metade da Era cristã, uma nova variante da tradição do norte se difundiu explosivamente sob a forma de séries de intrusões de unidade de sítio.

Uma das mais inesperadas conclusões desta tese é que esta última expansão possa ser conclusivamente relacionada à expansão dos povos Gê propriamente ditos, e que esta expansão tenha sido relativamente tão tardia.

Ainda no início da Era cristã, dois ramos de uma cultura tipicamente amazônica invadiram o leste da América do Sul, seguindo o mesmo sistema de progressão em forma de pinças observado acima. Pelo ano 100, a cultura ou subcultura Guarani já se encontrava bem estabelecida no sul do Brasil e ao redor do ano 500 a cultura ou subcultura Tupinambá, uma versão atenuada da cultura Marajoara, chegou ao Nordeste do Brasil. A expansão para leste da cultura Guarani no sul do Brasil foi lenta e se desenvolveu em vagas sucessivas, de cada vez cobrindo áreas maiores de território. A expansão da cultura Tupinambá para o sul foi pelo contrário rápida e linear, movendo-se ao longo da estreita faixa costeira. Cerca de quinhentos anos antes da chegada dos europeus as duas mandíbulas das frentes de expansão Guarani e Tupinambá se chocaram finalmente numa fronteira situada ao sul do curso do Tietê.

Comparando os nichos ecológicos precisamente definidos ocupados por cada uma dessas expansões populacionais, ficam claros os diferentes sistemas de agricultura de que eram portadores. O estudo diacrônico do ritmo de expansão territorial e da extensão das áreas ocupadas, configura a nossa única oportunidade de reconstruir a paleodemografia dos falantes Tupi nos últimos quatro mil anos, mas a construção de modelos por meio de computador será provavelmente a única maneira de obter estimativas refinadas do crescimento da sua população.

Gostaria, nesta tese, de contribuir no sentido de que as futuras histórias da América pré-colombiana possam oferecer uma visão mais integrada e significativa do que a mera descrição de formas culturais e do seu arranjo em sistemas de referência geográficos e cronológicos. Portanto, a primeira coisa que considerarei aqui é que a arqueologia do leste da América do Sul deve ser vista como a pré-história das populações indígenas históricas e atuais. Se não forem estabelecidas relações entre as manifestações arqueológicas e as populações que os produziram, o mais importante terá se perdido. Assim, as conotações etnográficas das tradições e estilos cerâmicos não devem ser evitadas mas, pelo contrário, deliberadamente perseguidas.

Para começar, demonstrarei aqui que o que se denomina “Tradições Cerâmicas Regionais do Leste do Brasil” (Brochado et al. 1969; PRONAPA, 1970; Willey, 1971:434) são, na realidade, as cerâmicas produzidas pelos habitantes mais antigos do leste da América do Sul, os quais podem ser definidos lingüisticamente como falantes das línguas do Antigo Brasil Oriental, Macro-Gê e Charrua.

A seguir, demonstrarei que o que impropriamente se descreve como “Tradição Tupiguarani” (Brochado et al. 1969:12-16; Terminologia II, 1969:8; PRONAPA, 1970:12-15; Willey, 1971:449-451; Terminologia III, 1977:15; Brochado, 1973a:7-10; 1973b; 1980a; Scatamacchia, 1981) são na realidade duas extensões distintas da Tradição Polícroma Amazônica no leste da América do Sul e, portanto, deve ser dividida em duas subtradições que re-

presentam as cerâmicas produzidas por dois grupos Tupi distintos – os Guarani e os Tupinambá – os quais tiveram histórias totalmente separadas durante os últimos dois mil anos.

Tendo isto em mente, o que penso ter conseguido nesta tese é demonstrar que as distribuições étnicas históricas coincidem precisamente com a distribuição dos materiais arqueológicos que representam tradições e subtradições cerâmicas distintas. Desta maneira, o modelo aqui apresentado localiza arqueologicamente todos os grupos indígenas mais importantes até o tempo da Conquista; e naqueles casos em que os dados arqueológicos são mais completos e a existência de uma base adequada clarificou a operação dos modelos, foi possível fazer isso com muitos detalhes, como é o caso das posições relativas ocupadas pelos Caingangue, Charrua e Guarani, no sul do Brasil.

Nem todos se dão conta que no leste da América do Sul temos uma seqüência cerâmica datada por radiocarbono comparável em duração às da Amazônia e do Baixo Magdalena, que são as mais longas conhecidas no Novo Mundo (Brochado e Lathrap, 1980). Esta grande profundidade temporal permitiu reconstruir as mudanças ocorridas, ainda em tempos pré-históricos, nos territórios ocupados pelos diferentes grupos étnicos, de modo que minha segunda tarefa será então explicar como os grupos históricos vieram a ocupar suas relativas posições, i.e., esquematizar uma história demográfica do leste da América do Sul.

Em primeiro lugar, é necessário chamar a atenção sobre a probabilidade de que inicialmente houvesse uma grande estabilidade populacional na área, sugerida pela continuidade das tradições líricas durante longos períodos de tempo. A estabilidade dessas tradições líricas desde o seu aparecimento até o tempo do contato histórico, sugere que alguns dos grupos indígenas evoluíram *in situ* desde ao menos quinze mil anos atrás. A diferenciação lingüística dentro deste estrato de línguas antigas deve de ter sido muito marcada ainda que, devido a sua antiguidade, talvez nunca possa ser completamente reconstruída. Assim mesmo, estas considerações me levam a sugerir algumas modificações nas classificações lingüísticas correntes. Seguindo Lathrap (comp. pes. 1983) usarei o termo **línguas do Antigo Brasil Oriental** para descrever aqueles grupos de línguas cujas relações umas com as outras e com as do grupo Gê não foram demonstradas. Estas línguas incluem Puri-Coroadó, Botocudo, Chiquito, Borôro, Nambicuara, Carajá e Huarpe. Usarei o termo **Macro-Gê** para os grupos de línguas faladas pelos Caingangue, Cariri e Gê propriamente ditos, porque as relações entre elas é demonstrável e sua expansão do norte para o sul em tempos mais recentes, será descrita aqui.

Como se expandiram desde a fronteira entre a Amazônia e o leste do Brasil nos últimos seis ou sete mil anos, i.e., a partir de 4.000 ou 5.000 a.C., é de se esperar que existam tantas ou mais relações entre as línguas das famílias Aruak e Tupi-Guarani, quanto entre as línguas que constituem os grupos do Antigo Brasil Oriental. Uma inspeção sumária feita por Troike (com. pes. 1983) sugere que este é realmente o caso. Desta maneira os falantes das línguas do Antigo Brasil Oriental já ocupavam suas posições desde os tempos mais antigos, enquanto que as línguas Macro-Gê provavelmente começaram a se difundir a partir de 5.000 a.C. ou talvez mesmo antes.

Outros grupos étnicos, como os Guarani e os Tupinambá, são culturalmente amazônicos e, deste ponto de vista, o leste da América do Sul se constituiu numa extensão cultural da Amazônia. No entanto, em vez da complexidade de distribuição lingüística que caracteriza a Amazônia, a glotogeografia do leste da América do Sul era bem mais simples. A maior parte da região – isto é, os planaltos cobertos, no norte de cerrados e caatingas e, no sul de campos e florestas mistas de latifoliados e coníferas – estava ocupada principalmente por populações falando as línguas do Antigo Brasil Oriental ou Macro-Gê; enquanto as regiões periféricas estavam ocupadas por populações falando outras línguas não relacionadas àquelas. Assim, as planícies costeiras e as várzeas dos sistemas fluviais do Paraná – Paraguai e do Uruguai estavam ocupadas por falantes Tupi, enquanto as terras baixas do Pampa e do Chaco estavam ocupadas por falantes do Guaianá (Métraux, 1928a; Loukotka 1939, 1945, 1969; Nimuendajú (Lowie, 1946); Steward e Mason (Mason 1948); Steward e Faron, 1959:23; Greenberg, 1960; Rowe, 1973).

O modelo aqui proposto deve muito às construções intelectuais propostas anteriormente por W. Schmidt (1939, 1942) e A. Métraux (1928a) baseadas unicamente na distribuição geográfica dos diferentes grupos étnicos; assim como aos modelos propostos por Menghin (1955-1956, 1957, 1960, 1962), Susnik (1975) e Lathrap (1962, 1970a, 1972, 1977b) os quais combinam, em grau crescente, informações a respeito da distribuição étnica e da arqueologia, com suposições a respeito das diferenças de comportamento demográfico

* Resumo da Tese de Doutorado apresentada na Universidade de Illinois e cuja síntese foi apresentada ao I Simpósio de Pré-História do Nordeste. A parte gráfica do trabalho não foi enviada pelo autor (Nota do Editor).

de grupos que possuíam sistemas econômicos progressivamente mais produtivos.

Meu ponto de partida será portanto o estabelecimento de conexões históricas entre as diferentes tradições e subtradições cerâmicas arqueológicas e as línguas faladas pelos grupos indígenas históricos que se sabe produziam cerâmica ao tempo dos primeiros contatos, em certos casos continuando através do período Colonial e até a atualidade. Retornarei então ao tempo até estabelecer conexões pré-históricas entre as tradições cerâmicas e as indústrias líticas que as precederam. Desta forma chegarei ao modelo ecológico aqui desenvolvido para justificar os padrões de difusão da cerâmica e da agricultura no leste da América do Sul.

Baseado na distribuição das cerâmicas arqueológicas como é conhecida atualmente, demonstrarei que todas as cerâmicas encontradas no leste da América do Sul se relacionam à apenas quatro tradições cerâmicas:

1. A **Tradição Pedra do Caboclo**, relacionada aos falantes das línguas do Antigo Brasil Oriental e Caingangue (Macro-Gê), com a **Subtradição Aratu**, representando os Gê propriamente ditos;
2. A **Tradição Palo Blanco**, relacionada aos proto-Guaicuru; incluindo a **Subtradição Vieira**, representando os Charrua, o **Estilo Enterriano**, representando os Querandi e o **Estilo dos Ribereños plásticos**, representando os Chaná.
3. A **Tradição Polícroma Amazônica**, representando os falantes Tupi, com as **cerâmicas dos Guarani** e dos **Tupinambá** como subtradições.
4. A **Tradição Uru**, relacionada aos Carajá.

Em primeiro lugar demonstrarei que as tradições que denominamos Pedra do Caboclo e Palo Blanco são diretamente derivadas de dois focos de desenvolvimento cerâmico, ambos caracterizados por formas globulares extremamente simples, localizados respectivamente na desembocadura do sistema fluvial amazônico (Mina) e no estuário do Prata (Palo Blanco).

Quando discutimos as cronologias amazônicas, Lathrap e eu (1980) fizemos a hipótese de que todas as cerâmicas das terras baixas da América do Sul deviam convergir numa única tradição de cerâmica extremamente simples e nesta hipótese seguimos a observação que fez Linné (1925, 1932) baseado unicamente em dados a respeito da distribuição geográfica das cerâmicas. A localização das cerâmicas Mina e Palo Blanco nas desembocaduras dos dois maiores sistemas fluviais da América do Sul, interconectadas por seus afluentes superiores, sugere que estas tradições são expressões de uma tradição amazônica muito simples e mais antiga, e Linné foi o primeiro a prever que uma cerâmica deste tipo seria eventualmente encontrada na base das seqüências arqueológicas amazônicas.

As datas iniciais anteriores a 3.000 a.C. tanto para Mina como para Palo Blanco indicam que a tradição de cerâmica simples amazônica postulada acima deverá ser encontrada com uma datação muito anterior a daquelas – talvez 5.000 a.C. – no nó de cursos fluviais da América do Sul situado na Amazônia Central.

Do ponto de vista tanto da difusão da agricultura intensiva, como da tecnologia cerâmica, o leste do Brasil é claramente periférico em relação à bacia amazônica, e precisamente porque se acha numa situação periférica todas as etapas do desenvolvimento desde uma cerâmica simples até a mais elaborada, se podem observar melhor aqui do que na Amazônia, onde a maior parte dos sítios arqueológicos mais antigos se encontram enterrados debaixo do alúvio recente ou foram destruídos pela erosão.

Estudando as quatro tradições cerâmicas na ordem em que foram alistadas acima, demonstrarei o seguinte:

1. Expandindo-se desde a desembocadura do sistema fluvial amazônico e com antecedentes na Tradição Mina (3.700-3.500 a.C.), uma primeira vaga de difusão cerâmica aparece no Nordeste ao redor de 700-1.000 a.C., no início do que chamarei a Tradição Pedra do Caboclo. Nos termos da evidência atual, estas cerâmicas foram transmitidas de grupo a grupo sob a forma de intrusões de unidades de traços, através das populações estáveis de falantes das línguas do Antigo Brasil Oriental; excetuando-se os Gê propriamente ditos e os Cariri; seguindo um padrão de difusão progressivamente mais amplo, chegando até os falantes Cainganges na extremidade meridional do planalto brasileiro.

Como um desenvolvimento tardio dentro deste mesmo foco setentrional da Tradição Pedra do Caboclo, temos a cerâmica da subtradição Aratu, cuja expansão, começada antes do A.D. 700, claramente representa a expansão colonizadora dos Gê propriamente ditos e dos Cariri. Estes povos se expandiram para o sul até o vale do Rio Grande e substituíram a maior parte dos habitantes do leste do Brasil que tinham anteriormente adotado as formas mais antigas da mesma tradição.

Outro desenvolvimento ainda mais tardio, foi o da Tradição Uru (O limite extremo sul da expansão desta tradição foi alcançado cerca do A.D. 1.000, e ela representa claramente a expansão colonizadora dos Carajá nesta direção).

2. Ao sul da área ocupada pelas cerâmicas da Tradição Pedra do Caboclo, a cerâmica simples mais antiga aparece nos cordões conchíferos de Palo Blanco, no estuário do Prata, ao redor de 3.000 a.C. Acredito, no entanto, que esta tradição deve se estender ao longo de todo o sistema fluvial do Paraná-Paraguai, devido a sua conexão com a cerâmica simples amazônica postulada acima. A versão mais simples desta cerâmica que chamarei de Tradição Palo Blanco, a da subtradição Vieira, pode ser traçada através do tempo até os falantes Charrua históricos. Nos termos da evidência atual, esta cerâmica se difundiu através das populações estáveis de falantes do proto-Charrua, sendo transmitidas através das terras baixas do Baixo Paraná e do Baixo e Médio Uruguai, assim como no litoral oceânico adjacente, se estendendo, na direção norte, até o sopé do planalto brasileiro. Cerâmicas aparentadas se difundiram também para o sul na região pampeana. Além disso, é bem possível que todas as cerâmicas mais antigas das terras baixas da Bolívia, do Chaco paraguaio e do nordeste da Argentina representem também derivações desta tradição básica. Outras derivações das formas mais elaboradas da mesma tradição, relacionadas com a distribuição dos falantes Guaicuru, penetraram na direção nordeste e, conforme demonstrarei, na sua forma atribuída aos falantes Pano, veio a modificar grandemente a cerâmica da subtradição Guarani, quando os proto-Guarani passaram pelo leste da Bolívia no seu caminho para o sul.

3. Demonstrarei, finalmente, que as mais recentes e mais elaboradas cerâmicas do leste da América do Sul são as das subtradições Guarani e Tupinambá. Estas duas divergiram de uma única tradição, a Polícroma Amazônica, que não pode ser datada mais tardiamente do que ca. 1.500 a.C. na região próxima da desembocadura do Madeira, na Amazônia Central (Brochado e Lathrap, 1980). Neste caso também o mecanismo de difusão foi a colonização ou, dito de outra maneira, a intrusão de unidades de sítios; começando no Nordeste antes de A.D. 500, no caso dos Tupinambá, e provavelmente muito antes, pelo menos não depois de A.D. 100, no caso dos Guarani, no Sul.

Os padrões característicos da colonização tanto dos Guarani como dos Tupinambá podem ser explicados pelo fato que o sistema amazônico de agricultura intensiva que trouxeram com eles, só poderia ser duplicado nas férteis várzeas encontradas ao longo dos maiores rios do interior e, em menor escala, no curso inferior dos rios costeiros. A maior parte dos solos das terras mais elevadas do Leste e Nordeste são muito pobres para sustentar este tipo de agricultura. Enquanto que no Sul, ainda que existam solos apropriados no planalto, o clima de altitude é muito frio para o cultivo da mandioca em grande escala. Por causa disso foi possível aos falantes das línguas do Antigo Brasil Oriental e das Macro-Gê continuarem até os tempos históricos suas próprias práticas de subsistência, que eram bem adaptadas a este ambiente. No entanto, como o restrito solo rico das várzeas constituía um nicho ecológico altamente desejável, sua posse deve ter sido ferozmente contestada por diferentes grupos indígenas. O mesmo pode ser dito a respeito do litoral – ambos tanto por causa dos solos como da existência de recursos de pesca. A tensão entre os três padrões culturais diferentes representados, respectivamente, (1) pelos falantes das línguas do Antigo Brasil Oriental e Macro-Gê, (2) os falantes Guaicuru, e (3) os Guarani e os Tupinambá, foi tão importante na pré-história do leste da América do Sul quanto a tensão entre os grupos habitantes da terra firme e da várzea o foi na Amazônia.

Todas estas sucessivas difusões de cerâmica e às vezes, por extensão, de populações, repetiram o mesmo padrão de avanço em forma de pinças, partindo da Amazônia Central. Um dos braços sempre se movia rio abaixo, saindo da desembocadura do sistema amazônico e descendo para o sul ao longo da costa atlântica, enquanto o outro braço se movia primeiro rio acima pelo Madeira e o Guaporé, passando para o Paraguai, descendo por este e pelo Paraná, e finalmente subindo ao longo da costa até certa distância para o norte. Em todos os casos, os dois braços se encontraram no sul do Brasil, em algum lugar entre o Jacuí e o Rio Grande, e uma fronteira se formou, rumando do interior para a costa.

Se me for permitido usar aqui uma metáfora, o planalto brasileiro, rodeado pelo movimento de pinças da expansão colonizadora dos Guarani e Tupinambá, ficou como que apressado entre as mandíbulas do cósmico jacaré amazônico. Da mesma maneira, poderia também dizer que os falantes Tupi que se estabeleceram fora da

Amazônia, se encontravam, de um ponto de vista ecológico, vivendo a oriente do Paraiso (cf. *Gênesis*, 3, 24).

Diversos outros pontos devem ser enfatizados. É quase perfeita a coincidência entre os meus modelos de expansão baseados em dados lingüísticos e aqueles baseados em dados arqueológicos (cerâmica), e isso não decorre de nenhum argumento circular. A intenção do estudo aqui desenvolvido não é somente de estabelecer cronologias, pois que os padrões econômicos inferidos da comparação dos diferentes conjuntos de vasilhas são validados pelo exame dos nichos ecológicos colonizados pelos grupos em expansão portadores dessas tradições ou subtradições.

Finalmente, afirmo que, desde o ponto de vista da totalidade do leste da América do Sul, os resultados deste estudo certamente proporcionam uma melhor indicação das taxas de crescimento das populações do que refinados estudos localizados nos quais não se tenta levar em conta os incrementos devidos à imigração e, ainda mais importante, as perdas de população devido à emigração.

Debates à comunicação do Prof. José Proenza Brochado

Prof. Celso Perota:

Agradeço ao Prof. Brochado sua comunicação e passamos ao debate, para o que contamos com a intervenção dos professores Ondemar F. Dias, Marcos Albuquerque e Maria Cristina Scatamacchia.

Prof. Ondemar F. Dias:

O Prof. Brochado sabe evidentemente, quanto admiro seu trabalho e o sigo, inclusive, nas minhas aulas, mas tenho algumas objeções a fazer: em primeiro lugar, acho que o problema não é tão simples assim como o Prof. Brochado o vê. Eu não acredito que a Amazônia, pelo menos sem definir o que ela é, seja a origem de tudo. O esquema apresentado não diz isto, mas simplifica uma coisa que para mim é muito mais complexa. Evidentemente, sua tese de doutoramento foi discutida por pessoas com mais capacidade do que a minha, mas dentro da minha própria experiência e através da troca de informações com outros colegas do País, o modelo de que tudo parte da Amazônia é evidentemente um modelo a ser discutido e que se opõe a outros que estamos experimentando e que como tal, é válido apresentar e discutir, mas para mim as coisas são mais complexas, porque tudo o que se diz da Amazônia fica mais ou menos diluído num espaço imenso, porque não sabemos se está se referindo a Amazônia legal, o cerrado, a mata hileia, o que é que ela seja.

O sul e o norte, a partir de São Paulo, me parece, também, uma forma de simplificar para dizer o que é origem amazônica. Eu acho que vale a pena discutir três grandes tradições: a que é chamada Pedra do Caboclo, que nós chamamos hoje Taquara para o Sul e Una para o Norte; o Norte e o Nordeste, levam a maiores discussões e mais elucubrações do ponto de vista científico, porque não se pode simplificar um movimento uniforme no sentido norte e sul, sobretudo porque as datações que temos de Taquara são contemporâneas e é difícil de se estabelecer uma direção. Poderíamos dizer que vieram do sul para o norte. A única que foge realmente a essa tendência é a tradição Mina, e mesmo assim, é uma diferença não muito grande, então me parece, que existem movimentos muito mais complexos do interior para o litoral e do sul para o norte, que devem ser colocados para discutir, embora eu reconheça que seu esquema, desde seu ponto de vista, é importante e é uma coisa que simplifica e facilita o debate, mas acho que o esquema vigente hoje é mais complexo e merece, evidentemente, uma discussão muito ampla nesses dois pontos de vista.

Amazônia para mim é origem, mas, seria o caso de saber o caminho, e que é essa Amazônia. Vejamos, por exemplo, a tradição Marajoara: tudo saiu da Marajoara, porém, dizer que as formações marajoaras são as mesmas do litoral é um perigo; acho que fica meio perigoso simplificar tudo em Marajoara. Existem dois sistemas, dois conjuntos, dois modelos e, o vigente, é mais complexo do que o que você apresentou e devem ser testados e experimentados. Parabenizo-o pela sua imensa capacidade de sintetizar dados e não simplesmente resumí-los.

Prof. Brochado:

Só mais um esclarecimento: claro que tenho idéia do que é marajoara, do que é amazônico, mas não teria tempo aqui para mais explicações e seria uma discussão longa, pois teria que se trazer todos os desenhos das formas, etc. Evidentemente, que no caso da cerâmica Guarani e Tupinambá, estou colocando sua origem dentro da cerâmica amazônica. A tradição Policrômica do Amazonas desde

a Marajoara até Napo no Equador e Caimito no Ucaiali, claro que numa área tão grande, as formas são um pouco diferentes entre si e também a decoração, mas há um certo relativismo. Quanto a essas cerâmicas pré-Guarani e pré-Tupinambá, é claro que seriam cerâmicas mais antigas do que as de Tradição Policrômica da Amazônia. É claro que todo modelo é extremamente simplificado e a realidade deve ser muito mais complexa. Provavelmente, por exemplo, a difusão da cerâmica pré-Guarani, se deu pelos rios do interior, que se conhecem menos, e depois houve um movimento, de norte para o sul, ao longo dos rios do interior e depois de oeste para leste, isto é, do interior para o litoral, para ocupar as posições que ocuparam e não que tivessem vindo caminhando por cima das montanhas ou pelo litoral, esses são os dados que nós temos.

Prof. Marcos Albuquerque:

O trabalho apresentado pelo Prof. Brochado é extremamente interessante e eu acho que a ciência se constrói, evidentemente, com pontos e contra-pontos e eu me comprometo, inclusive, a testar esse modelo e fazer depois críticas com bases mais sólidas, entretanto eu gostaria de levantar alguns pontos:

Primeiro – eu acho extremamente arriscado um estudo morfológico norteado de identificação de fase, identificação de complexo, etc. Lamentavelmente, por várias razões, nós damos uma ênfase muito grande ao aspecto morfológico, vejam bem, em nenhum momento eu estou contra a associação de formas desenvolvidas pelo Prof. Brochado; filiação, desenvolvimento etc., entretanto eu acho que tem que ser paralelamente estudado dentro do conjunto, para a identificação de uma transmissão de determinados elementos culturais, nós temos que levar em consideração algo bem mais complexo que identifique o conjunto, nesse algo mais complexo, estaria, por exemplo, tipo de organização social dos grupos através de escavações mais amplas. Um pequeno parêntese aqui: obviamente que ele está trabalhando em cima do material que dispõe, mas mesmo considerando isso, a tecnologia cerâmica, não apenas a forma, a alteração numa forma, implica em modificação de tecnologia de confecção daquela forma, então, a forma apenas não poderia ser copiada ou levada de um grupo a outro, haveria necessidade de toda uma tecnologia, sobretudo das operações essenciais. No momento que se altera uma forma, se altera a relação de anti-plástico; ao se alterar a temperatura de queima, o tempo de secagem será diferente, porque senão a cerâmica pipoca, a cerâmica estoura, então há todo um conjunto de elementos interrelacionados que deveriam ser muito bem analisados e, talvez, esses elementos viessem a dar uma contribuição maior para o reforço do ponto de vista morfológico. Quando digo que tentarei testar o modelo do Prof. Brochado que sempre está pensando seriamente a respeito do problema, como é o caso da parte morfológica que ele desenvolveu da relação forma/função, nós testamos e utilizamos do mesmo modo.

Entretanto, lembro apenas, a necessidade de associar a forma e a decoração, sobretudo a decoração que não diz tanta coisa. São aspectos não essenciais, aspectos que se tiver uma decoração de um jeito ou de outro, poderá ser um problema de paralelismo cultural em alguns casos e em outros casos não, entretanto a bagagem da tecnologia cerâmica, o conjunto das operações essenciais, associadas a outros elementos oriundos de escavações tipo, por exemplo: o tipo de mancha, o tamanho, a relação entre elas, alguns outros aspectos que podemos resgatar, acho que, de uma forma global, poderia ser um subsídio para a proposta do Prof. Brochado, entretanto eu acho o trabalho belíssimo e digno de reflexão.

Prof. Brochado:

A respeito do que o Prof. Ondemar falou, o meu modelo, afinal, é apenas uma justificação arqueológica de um modelo muito mais antigo, esses movimentos já foram imaginados pelos cientistas alemães como Von Demestein, no século passado, eles simplesmente pegaram ou mapas de distribuição lingüística e aplicaram as mesmas idéias dinâmicas do Velho Mundo, então viram os Gê todos amontoados, num bloco só, no Brasil central e sobre as montanhas os Macro-Gê e, ao redor, os da língua do tronco Tupi formando um verdadeiro póvo que envolvia tudo aquilo, então eles imaginaram os Macro-Gê, excluindo os Gê próprios que foram os primeiros a chegar, ocupando uma área muito grande; quando os Gê e os Tupis chegaram, expulsaram essa gente para o alto das montanhas, para os lugares menos propícios e os Gê, é claro, ocuparam a região do cerrado por causa do tipo de vida que eles tinham e os Tupis e Guaranis e os outros povos agricultores, ocuparam a região do litoral e as grandes florestas, porque era o sistema de vida deles. Então, isso seria um verdadeiro póvo, se formou esse póvo, e é interessante que o Prof. Rausen depois que leu a minha tese, escreveu um trabalho que utiliza algumas idéias minhas e procura fazer um modelo para o outro lado da América, isto é, estou falando do sul da Amazônia, ele

faz um modelo para o norte da Amazônia, incluindo as Antilhas, com a mesma idéia os povos mais antigos foram refugados para os planaltos, para as partes altas, enquanto que os povos mais recentes, lavradores ou agricultores mais eficientes, ocuparam as partes melhores, então se formou o mesmo polvo invertido, uma espécie de imagem de espelho. Lá seriam os Anuaques e Caribes e aqui seriam os Tupis.

Profª Maria Cristina Scatamacchia:

A minha observação refere-se ao que falou o Prof. Marcos Albuquerque em relação à transmissão de formas, inclusive você falou uma coisa que altera um pouquinho a abordagem de cultura material saindo de uma evolução genética. Uma forma não nasce da outra como um ser vivo, é na coisa meio estranha, principalmente quando a gente pensa que uma vasilha não é um artefato, é um grupo, tem uma série de processos que envolve isto, como falou Marcos, tecnologia, morfologia e decoração, que me parece uma coisa muito importante, porque esse arranjo final é um produto específico de um certo grupo e que pode-se identificar, então, essa forma, não pode ser transmitida de um modo assim linear e evolutivo, porque a aceitação do grupo não é tão fácil, porque os padrões são muito rígidos e porque uma forma só é aceita quando é utilizada e é eficaz dentro da utilização. Então me parece muito estranha essa ligação tão ampla, falando especificamente em Tupinambá que eu conheço mais, sair do Marajoara até o Tupinambá, como sendo uma forma atenuada, é uma coisa estranha essa evolução genética das formas.

Prof. Brochado:

Bom, se há alguém que se opõe a imaginar que uma vasilha nasce da outra esse sou eu.

Profª Maria Cristina Scatamacchia:

Não é que quando você fala de processo genético, quer dizer Marajoara?

Prof. Brochado:

Há realmente pessoas que partem do pressuposto de que uma vasilha nasce da outra, então elas obedecem as leis naturais. Realmente as vasilhas são produzidas, cada uma individualmente pelas pessoas, são apenas copiadas. Na difusão da cerâmica pré-Guarani, pré-Tupinambá, pré-tradição pintada, pré-tradição policrômica, eu acredito que a idéia só é transmitida, é claro que alguém, via o outro fazer, inclusive há um trabalho de Kleber, me parece, de como as idéias se transmitem, porque se conhecia a idéia e não a versão da técnica, não se reinventa mas se adapta. Ele conta aquela estória do Índio Cherokee, que inventou um novo alfabeto, baseado no inglês, mas que nenhuma letra tinha o mesmo sinal, porque ele não sabia qual era o valor das letras em inglês, ele apenas entendeu que era um alfabeto, mas esse caso não é tão extremo, provavelmente um grupo via o outro fazer a cerâmica e aprendia, não via a forma pronta, mas aprendia a tecnologia, entendia a finalidade e preparava, mas, como as necessidades deles eram outras, tinham que fazer modificações. Gradualmente havia essa modificação, havia um gradualismo, mesmo que simplesmente estivessem tentando fazer a mesma forma. Foram feitas experiências nos Estados Unidos, de uma pessoa trazer uma vasilha e pedir aos alunos para copiá-la em barro, depois pegar uma das formas e pedir para outros alunos copiarem, no fim a forma estava completamente diferente, apesar de que todos estavam tentando copiar a forma que viam. Isso quanto à difusão, quanto ao Guarani e Tupinambá e a Tradição Policrômica na

Amazônia em geral, é diferente, acho que aí houve não só uma difusão, mas movimento de povos, migração, essa cerâmica foi gradualmente modificada saindo da Amazônia e também pela modificação do tipo de vida: o tipo de vida no Nordeste do Brasil, não é o mesmo da Amazônia. Mas, depois que se estabilizou e foi transferida, foi levada assim como estava, sem muitas modificações, por grandes vagas migratórias o que justifica a homogeneidade da cerâmica. Agora, para testar a hipótese, alguém tem que ver, no Norte do Brasil, no Maranhão e na costa do Pará, o momento em que o Marajoara começa a se transformar em Tupinambá, por não se transformou de um dia para outro, apesar de que a transformação pode ser relativamente rápida. Do Rio Grande do Norte para o Sul há uma relativa homogeneidade e não se sabe quais são as diferenças. Para o Guarani é a mesma coisa.

Profª Cristina Scatamacchia:

Tudo bem, eu concordo em parte, mas, exatamente você pulando do Marajoara para o Tupinambá deixa um espaço que não tem nada no meio, então, porque o Tupinambá? Na verdade você não tem uma relação de padrões decorativos que possa ligar entre Tupinambá, e Marajoara.

Prof. Brochado:

Mas eu acho que as formas são mais importantes do que a decoração. Todas as tigelas Marajoaras existem entre os Tupinambá, menos a tigela de borda vazada.

Profª Cristina Scatamacchia:

Mas as formas que existem são exatamente as formas mais simples que não existem só entre Marajoara e Tupinambá, mas entre qualquer outro tipo.

Prof. Brochado:

Não, estou dizendo todas as tigelas e não apenas as mais simples.

Profª Cristina Scatamacchia:

O que eu acho é que você compara as formas mais simples. Essas existem em várias culturas. Exatamente as formas mais complicadas são as que acho que são passíveis de comparação, porque elas são específicas de determinados grupos, mas você compara tigelas rasas, realmente acho que elas existem em toda Amazônia e em outras culturas.

Prof. Brochado:

Mas a tigela rasa Marajoara é muito complicada, tem uma borda complicada e tremendamente característica e essa borda é que aparece no Tupinambá, não é uma tigela hemisférica, como existe em toda parte do mundo. Não podemos comparar vasilhas esféricas ou semi-esféricas, isso há em qualquer parte.

Prof. Celso Perota:

Em seguida, gostaria de chamar a Profª Maria Cristina Scatamacchia, da Universidade de São Paulo, que vai fazer uma comunicação sobre o aproveitamento científico das coleções museológicas com uma proposta de classificação de vasilhames cerâmicos da Tradição Tupi-Guarani.